MEMÓRIAS ELETIVAS 4

O bairro do bexiga, um estado de espírito

Em 8 de maio de 2023, realizou-se, no plenário do TRE paulista, o evento "Pintou a Toga no Bexiga", inserido nas comemorações da semana do Dia da Memória do Poder Judiciário e concretizado por meio da exibição de trabalhos audiovisuais evocativos do bairro da Bela Vista, carinhosamente denominado "Bexiga", e da vida e obra do artista plástico Biaggio Mazzeo, autor de dezenas de quadros dos presidentes do TRE paulista e ainda em plena labuta aos 98 anos de idade. Biaggio, nascido, criado e ainda morando no Bexiga, compareceu naquela tarde nostálgica, marcada também pela presença de Álvaro Gullo, professor de sociologia da USP, e Thais Taverna, produtora audiovisual: figuras emblemáticas e de gerações diferentes do bairro.

A singularidade do festejo procurou denotar predestinação de um torrão da Pauliceia que já evidenciava os rumos políticos da velha província do início do século XIX a partir da casa do Brigadeiro Luís Antônio, casado com dona Genebra e pai de Francisca Miquelina, nomes que hoje identificam as vias públicas em torno do tribunal paulista da democracia brasileira, instalado no Bexiga desde 1970. Conexão histórica vislumbrada pelo poeta Paulo Bomfim, fundador do CEMEL, numa tarde perdida de 1999, e que se retempera pelo fato de a Câmara Municipal de São Paulo também estar sediada no mesmo distrito.

Esses fatos, porém, tendem a superar a barreira de uma mera casualidade quando se constata que o Bexiga se tornou, pela mescla afroitaliana de sua gente, um raro experimento antropológico e sociológico de democracia racial.

Ocupado, de início, por antigos escravizados (aliás, um dos primeiros quilombos paulistanos se fundou às margens do Córrego da Saracura, na altura do que é, hoje, a Praça XIV Bis, na Avenida Nove de Julho) e, depois, fortemente por italianos, o bairro sempre foi um notável exemplo de inclusão social desde o começo do século XX, quando negros falavam italiano e italianos sambavam. Tinha-se uma espécie de globalização centrípeta, isto é, de fora para dentro, na qual essa pluralidade se harmonizava no mesmo espaço habitacional, sem formação de guetos ou de quarteirões confinados por etnias, diferentemente do que ocorre, por exemplo, na cidade de Nova York. Pode-se até dizer que a grande vocação boêmia e artística do Bexiga decorre justamente desse encontro de diversidades.

Atualmente, o Bexiga inclusivo ratifica sua proverbial inclinação de acolhimento migratório e imigratório da cidade de São Paulo, por meio do Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes (CRAI), estabelecido na Rua Major Diogo e reputado, por suas ações, como padrão internacional da ONU. Na mesma via pública, não sem razão, também existe o Centro Cultural Afrika.

Contudo, o Bexiga sofre com o irrefreável gigantismo de São Paulo. Na virada dos anos 1960 para os anos 1970, quarteirões inteiros desapareceram em virtude da anaconda de concreto e asfalto construída para viabilizar a ligação automobilística entre as zonas leste e oeste da cidade. Famílias inteiras padeceram com desapropriações indenizadas tardiamente e efetuadas em valores desatualizados. Muitos moradores adoeceram; outros morreram de desgosto.

Após décadas de degradação urbanística e social provocada pela transformação viária patrocinada sob os ares da ditadura pós-1964, quando era inimaginável auscultar-se a população local sobre o próprio destino, o que restou do velho Bexiga vai lentamente desaparecendo, vitimado pela especulação imobiliária sorrateira, traduzida por uma elegante palavra, gentrificação. Mas o estado de espírito que dele emana há de persistir.

José D´Amico Bauab